

Ana Isabel Vasconcelos
Universidade Aberta
Portugal

Frei Luís de Sousa: entre a História e a Literatura

Resumo:

O drama histórico 'Frei Luís de Sousa', de Garrett, é um texto que, desde há muito, figura nos programas curriculares do ensino secundário bem como nos de universidades portuguesas e estrangeiras.

Tratando-se incontestavelmente de um texto canónico, o seu estudo já interessou aos mais reputados investigadores, que o abordaram de perspectivas diversas, consoante até as tendências da crítica literária. Propomo-nos, nesta comunicação, regressar ao início, à génese do drama, e valorizar o elemento histórico, percebendo e explicando em que medida a intemporalidade desta obra-prima se deve precisamente ao equilíbrio magistralmente estável entre estes dois saberes: a História e a Literatura.

Palavras-chave:

Drama histórico; Frei Luís de Sousa; Almeida Garrett; História e Literatura.

Frei Luís de Sousa: between History and Literature

Summary:

'Frei Luís de Sousa', a historical drama written by Almeida Garrett, has been included in school curricula in Portuguese schools as well as in foreign universities for a long time.

As a text that belongs to canonical literature, it has been studied by many important researchers by using different approaches according to the trends of literary criticism. In this paper we intend to go back to the construction of this drama, by valuating the historical component and trying to show that the geniality of this masterpiece is due to the balance between history and literature (fiction).

Key-words:

Historical drama; Frei Luís de Sousa; Almeida Garrett; History and Literature.

1. De acordo com o estudo efectuado por Ana Teodoro e Leontina Luís, publicado no último número da revista *Discursos* da Universidade Aberta¹, a obra literária de Almeida Garrett tem continuamente figurado nos programas de Português do ensino (hoje chamado) básico e secundário, desde 1888, o que, só por si, segundo as autoras, não fará dele um autor canónico, tornando-o, no entanto, um autor consensual. Na verdade, “[e]ste consenso implica necessariamente o reconhecimento da qualidade literária e da representatividade da obra de Garrett” (Teodoro e Luís 2006: 207), hoje indiscutíveis, como indiscutível é a necessidade de todos passarmos pelos seus textos no momento da nossa formação literária (de base), uma vez que se constituem como “alicerces de uma cultura [educação] literária” e são parte integrante das “realizações culturais supremas de uma comunidade ou de um povo” (Conceição 2002: 9-10).

Relativamente a *Frei Luís de Sousa*, as autoras verificaram que, à excepção do ano de 1977-78, desde 1931 que este texto se tem mantido nos programas de português, com maior incidência no ensino secundário². O estudo das duas investigadoras acima referidas verifica também a presença deste texto dramático nos programas do ensino de português em universidades estrangeiras, designadamente nesta Universidade de Varsóvia, em que a obra-prima de Garrett se encontra contemplada no 4º ano do curso de Língua e Cultura Portuguesas.

Naturalmente que um texto estudado em contexto escolar ao longo de tantos anos e objecto de reflexão por parte de académicos de grande prestígio terá já sido sujeito às mais diversas abordagens, até, muito provavelmente, ao sabor das orientações ditadas pelas teorias literárias de cada época. J. Cândido de Oliveira Martins, numa comunicação que apresentou no Congresso Internacional Comemorativo do Bicentenário do Nascimento de Garrett, faz um estudo das propostas de leitura hermenêutica da peça garrettiana que considera mais significativas (Martins 2003, vol II: 129), desde a leitura histórico-genética até à mítico-cultural, passando pela biográfico-psicológica, pela religiosa e metafísica, pela genológica e arquiteitual, pela político-sociológica e pela psicocrítica e imagética. Apesar desta profusão de interpretações, e porque conhecemos as limitações de sensibilidade estético-literária do público leitor do ensino secundário, atrevemo-nos a perspectivar aqui o texto de Garrett

¹ Este número da revista *Discursos* teve como objectivo assinalar os 150 anos da morte de Almeida Garrett, pelo que todos os artigos, da autoria de reputados investigadores, se relacionam com o autor ou com a sua época.

² Veja-se o quadro final em que se apresentam as ocorrências das obras de Garrett nos programas escolares.

pensando essencialmente na formação desses alunos e na importância de que se pode revestir a associação entre a História e a Literatura, na compreensão de determinada construção ficcional.

2. Trata-se de um drama histórico não plasmado nos estereótipos do drama romântico e é a partir desta constatação que devemos, em meu entender, tentar que os alunos compreendam, mais do que a origem, a própria construção da obra.

Quando os dramas se apresentam como tendo por base um acontecimento histórico, será expectável que todos os seus elementos se insiram num contexto pretensamente real e objectivado por um passado, de onde se extraem os argumentos, as personagens e os conteúdos que, de acordo com Aristóteles, se desejam aplicáveis a uma exemplaridade universal. Evidentemente que de imediato se levanta o dilema da primazia entre História e Literatura, questão insolúvel e que, de quando em vez, ainda nos aparece sob a forma de problema.

Sem dúvida que tanto o historiador como o autor dramático têm em comum a representação de algo que lhes é exterior, mas, no caso específico do autor de ficção, a problemática centra-se na questão fundamental da compatibilidade entre verdade histórica e verdade literária, o que equivale ao raciocínio aristotélico da verdade individual e concreta da história e da verdade geral da literatura, ou, como diz Spang (1998: 13), da bifurcação entre o particular e o universal.

Assim, a utilização do facto histórico na criação dramática implica que se particularize e restrinja o conteúdo de uma forma de produção que é, na sua essência, tendencialmente universal. Cria-se deste modo um conflito, quando se pretende encaixar a particularidade de um determinado momento ou figura históricos na universalidade inerente aos assuntos ficcionais. Isto não significa que o drama tenha que perder potencialidades estéticas por utilizar materiais históricos. Cabe ao criador dramático saber trabalhar os elementos que lhe chegam do passado na sua exemplaridade, tornando-os universalmente aplicáveis, logo mais condicentes com a sua utilização numa estrutura ficcional. A tarefa do autor não consiste, de forma alguma, em adulterar os dados que a História apurou, mas em trabalhar esses acontecimentos por forma a destacar a "supraindividualidade" do facto singular (cf. Spang 1998: 14).

É com base nesta assunção que considero uma boa contribuição, enquanto recurso didáctico, a utilização das fontes históricas disponíveis, sobretudo das que, de

uma forma eficaz e acessível, possam ser apresentadas aos alunos (ensino secundário) para que se apercebam de como um facto registado historicamente foi trabalhado não só poeticamente, mas também conteudisticamente, abrindo-se por esse meio a determinadas interpretações.

Concretizemos. Um dos aspectos contemplados nos programas do ensino secundário diz respeito ao desejado carácter transversal e pluridisciplinar dos saberes e a uma efectiva integração de aprendizagens³. Para a leitura integral do *Frei Luís de Sousa*, espera-se que, para além das categorias próprias do texto dramático (que acreditamos já conhecer de anos anteriores), o aluno compreenda a intenção pedagógica inerente ao texto, perscrute nele aspectos da ideologia romântica, aprecie o valor simbólico de alguns elementos e que perspetive a temática à luz do mito sebástico (cf. Programa - 11ºano). Ora para percorrer este trajecto hermenêutico, o aluno terá que começar precisamente pelo início, ou seja, pelo conhecimento do texto que documenta a história do grande prosador que foi Frei Luís de Sousa, aliás o nome que significativamente, como sabemos, dá o título à obra. Eis-nos perante a conjugação de saberes – a História e a Literatura – não conflitualmente, mas em parceria, uma fazendo luz sobre a outra, abrindo caminho para uma compreensão mais aprofundada de determinada construção literária.

Faculemos então, aos alunos, o *Prólogo à Segunda Parte da História de São Domingos*, esclarecendo tratar-se de uma produção da autoria de Frei António da Encarnação sobre a vida do prosador setecentista. Tratando-se de um texto longo, deverão ser seleccionados os excertos que dão corpo à trama urdida por Garrett. Curiosamente, nas várias edições didácticas que consultei e que são comumente utilizadas por alunos e professores, e apesar de os respectivos autores salientarem a importância da abordagem histórico-genética da obra, não encontrei este texto setecentista, cuja leitura proporcionaria até um contacto directo com as realizações linguísticas da época.

3. Este texto histórico, que serviu de base à construção do drama de Garrett, relata a vida de Manuel de Sousa Coutinho, herdeiro das subtis virtudes de um pai, cuja presença e gravidade eram tão dignas de respeito que "até mesmo o Rei se compunha" quando com ele falava.

³ www.dgidc.min-edu.pt/programs/prog_hom/portugues_10_11_12_cg_ct_homol_nova_ver.pdf

Manuel de Sousa Coutinho entrou para noviço na "Religião de São João no Hospital de Malta", mas foi antes de professar que os Turcos o tomaram em cativo. Resgatado algum tempo depois, após vicissitudes várias, regressa à pátria e casa com D. Madalena de Vilhena, "viúva de poucos anos de D. João de Portugal", que ficara na batalha de Alcácer em África, "servindo, e seguindo a El-Rei D. Sebastião. Com esta senhora esteve casado alguns anos, sem ter dela mais que uma filha que faleceu de pouca idade; até que ambos de comum consentimento fizeram um divórcio santo, e se meteram na Religião" (Sousa 1977 [vol. I]: 713).

Qual o motivo próximo de tal resolução? Aventa o biógrafo que, vivendo o casal na sua quinta de Almada e estando Manuel de Sousa ausente, encontrava-se D. Madalena acompanhada de seu cunhado, Frei Jorge Coutinho, quando um peregrino, que vinha de fora do reino, pediu para lhe falar. Mandado vir à sua presença, disse:

Senhora, sou Portuguez, fui por devoção vizitar os lugares santos de Jerusalem; e querendo-me já voltar para este Reino me foi demandar hum homem portuguez, segundo se colhia de seu falar, o qual depois de se informar de quem eu era, e como vinha para Portugal, me encommendou que passasse por esta villa; e sendo vossa mercê viva lhe dissesse, que ainda lá vivia quem se lembrava de vossa mercê. Isto he o que me trouxe aqui. (*idem*: 714)

Pergunta D. Madalena por detalhes físicos de quem o enviou e tudo "quadrava ao vivo á pessoa de D. João de Portugal". Desmaiada D. Madalena, Frei Jorge saiu com o peregrino para a sala de fora e pediu-lhe que identificasse D. João nos muitos quadros que aí se encontravam, o que o peregrino fez sem hesitação, partindo logo a seguir. Chegado Manuel de Sousa, sua mulher tudo lhe relatou e o que mais se tinha passado com seu irmão, ao que aquele respondeu:

Atégora, senhora, vivi em boa fé comvosco; e creio de vós que na mesma viveste comigo: porque fio de vós que não casarieis outra vez, se não tivereis por certa a morte de vosso primeiro esposo D. João de Portugal; porém se foi engano inculpavel, ou isto he ordem de Deus para escolhermos melhor vida, desde logo pera sempre nos apartemos. (*idem, ibidem*)

Esta é uma razão plausível para uma resolução tão radical, que D. Madalena aceitou "sem o mínimo sinal de sentimento, porque lhe ditava o juízo interiormente, e a

vontade abraçava tudo quanto estava ouvindo" (*idem*: 715). E assim professou Manuel de Sousa em São Domingos de Benfica e tomou o hábito sua mulher no Mosteiro do Sacramento⁴.

4. Partindo deste texto biográfico relativo a Manuel de Sousa Coutinho, futuro Frei Luís de Sousa, Garrett compõe um drama, alterando intencionalmente aspectos do relato, de forma a destacar o motivo⁵, que levará ao desencadear de toda a acção: o regresso de alguém, que estaria supostamente morto, vem destruir uma situação de equilíbrio instável, assente numa má consciência devida à sensação de uma ligação pecaminosa (o amor de Madalena por Manuel é anterior à morte de D. João), provocando um temor enfatizado por pressentimentos, premonições e crenças populares.

Do relato histórico, explorou Garrett, sobretudo, a situação que enformava um triângulo amoroso e que, por razões sociais, morais e religiosas, viria a revelar-se insustentável. O conflito dramático daqui decorrente, âmbito de toda a problemática, desenlaça-se num período em que Portugal se encontrava sob o domínio filipino, pelo que a resistência ao invasor foi a vertente que Garrett valorizou como enquadramento histórico-político do conflito principal.

Estabelecidos estes dois planos do enredo, aí se vão movimentar as poucas personagens que aparecem em cena. D. Madalena e Manuel de Sousa, que partilham um casamento aparentemente estável; Maria, filha de ambos; Telmo, personagem composta por Garrett e aproveitada para fazer, não só a ligação entre o passado e o presente, mas dar voz à premonição de acontecimentos futuros; Frei Jorge Coutinho, irmão de Manuel de Sousa, que Garrett foi buscar à História; e algumas outras personagens que viabilizam o desenrolar da acção.

À boa maneira das peças românticas, algumas das personagens, normalmente as femininas e, no presente caso, é D. Madalena quem protagoniza esta faceta, têm como função expressar temores que vão contaminar o ambiente geral. Escolhida para abrir o

⁴ Esta é, em traços gerais, a história que o cronista Frei António da Encarnação nos legou e que Garrett diz ter tomado por referência. No segundo volume desta mesma obra, é dedicado um capítulo ao "Padre Frei Luís de Sousa, filho deste Convento, e Cronista da Ordem nestes Reinos de Portugal" (Sousa 1997 [vol. II]: 574-9), agora da pena de Frei Lucas de Santa Catarina, que, no essencial, repete esta versão dos acontecimentos.

⁵ Segundo Wolfgang Kayser (1985: 57): "O motivo é uma situação típica que se repete, e, portanto, cheia de significado humano. [...] Os motivos são dotados de uma força motriz, o que justifica afinal a sua designação de "motivo" (derivado de *'movere'*)".

primeiro acto, a mulher de Sousa Coutinho mostra-se inquieta, cheia de medos e inseguranças, sentimentos que esconde de seu marido, o que introduz um certo desequilíbrio na relação. Através do diálogo com Telmo, tomamos conhecimento da sua vida passada, que Garrett aproveitou da História, reformulando apenas as datas para que os números tomassem um valor simbólico⁶. Neste diálogo vão-nos sendo fornecidos, não só dados relativos ao passado, para que possamos compreender o que se passa ante nós, mas também indícios relativos ao futuro, apresentados sob a forma de premonições⁷.

Apesar do ambiente tenso que a entrada de Maria, de certa forma, vem aliviar, tudo se desenrola com normalidade, quando algo faz despoletar um momento de crise: a resistência ao invasor. Manuel de Sousa, em cuja personagem Garrett faz sobressair um destemido patriotismo⁸, incendeia o palácio onde reside, evitando assim albergar os governadores castelhanos que se preparavam para aí se instalar. Este acto de heroísmo, que não vai ter as consequências que todos receiam, pois os representantes de Castela vão, em breve, esquecer o incidente, obriga a que haja uma mudança, o que reforça os indícios já acumulados, uma vez que terão que ir viver para a casa que Madalena partilhara com D. João de Portugal, seu primeiro marido. Este é um aspecto ficcional que Garrett introduziu no seu texto, para vincar os temores de D. Madalena e nos preparar para o aparecimento de um outro invasor, por todos bem mais temido, porque sombra ameaçadora, não só da legitimidade do casamento de Madalena com Manuel, mas da legitimidade do fruto dessa união.

⁶ O dia 4 de Agosto de 1578 é a data de que se parte, pois corresponde à suposta morte de D. João de Portugal, acompanhante de D. Sebastião na batalha de Alcácer Quibir. Tinha D. Madalena então 17 anos. Durante 7 anos esteve viúva e casara com Manuel de Sousa havia 14 anos, pelo que a acção do drama se passa em 1599. Segundo o biógrafo de Frei Luís de Sousa, este professou no dia 8 de Setembro de 1614, pelas mãos de P. M. Fr. João de Portugal.

⁷ Telmo presente que algo vai acontecer que provará quem mais quer a Maria (1993: 32); logo em seguida, augura maus futuros; e Maria diz expressamente: "há grande desgraça a cair sobre meu pai... decerto! e sobre minha mãe também, que é o mesmo" (1993: 74).

⁸ A moderna historiografia desmente estes atributos de Manuel de Sousa, defendendo que Frei Luís de Sousa abraçou a causa dos Filipes. No entanto, os textos historiográficos da época elogiam expressamente o seu patriotismo e o quanto se opunha ao domínio filipino. Relembrando a vida desse "historiador notável", escreve o articulista d' *O Panorama* (1838: 101): "Antes de entrar no claustro, separando-se de sua mulher D. Madalena de Vilhena, e tomando o nome de Frei Luís de Sousa, morava (pelo ano de 1568) na sua casa de Almada, entregue aos prazeres domésticos, e à agricultura. Rebentou nesse ano a peste em Lisboa, e, talvez porque julgasse que Manuel de Sousa era pouco afecto ao domínio espanhol, no que não se enganavam, os governadores do reino, querendo retirar-se da cidade escolheram para sua habitação a vila de Almada, e em Almada a casa de Manuel de Sousa. Repeliu ele esta ofensa do direito de propriedade: mas vendo que eram baldadas todas as representações, pela própria mão lançou fogo ao edifício de que o queriam expulsar e fugiu para Madrid, onde não consta que fosse perseguido por um tal feito de ânimo ousado. "

É no segundo acto que a "sombra despeitosa", que atormenta o espírito de Madalena, surge na figura do Romeiro, o peregrino que Garrett na ficção identifica como D. João de Portugal. Sem dúvida que, depois deste acontecimento, nada poderia ficar como estava. O triângulo amoroso, que Madalena quase adivinhava, verificou-se, o que, dada a impossibilidade da situação, obrigou, tal como nos relata o cronista biógrafo de Frei Luís de Sousa, a uma separação, optando os cônjuges pela vida religiosa. O elemento ficcional que Garrett introduz, justamente com o propósito de reforçar e justificar a culpa que D. Madalena já carrega, é o facto do seu amor por Manuel de Sousa ser anterior à morte do seu primeiro marido (cf. 1993: 103). Recordemos que, num romance histórico publicado n' *O Panorama*, o autor, que se identifica apenas com as iniciais P. M. [Pizarro de Moraes?], descreve o primeiro encontro entre D. Madalena e Manuel de Sousa, da seguinte forma: "Quando o cortejo passou junto da nave esquerda, Manuel de Sousa fitou os olhos numa dona, que, trajando modestas roupas, orava com um fervor verdadeiramente religioso. Quem a tivesse observado veria que o rubor lhe tingira as faces, onde os lírios e as rosas se enlaçavam louçãs; modesta e pudica mal ousava erguer os olhos para aquele a quem dera vida e pensamento. Era esposa! Ligada a D. João de Portugal, D. Madalena Vilhena, dera a mão a um homem, cujo sentir se afogara no gelo da indiferença" (1842: 237). Talvez Garrett se tenha aqui inspirado, aproveitando este recurso para emprestar uma maior intensidade dramática ao seu texto, já que o pendor trágico que lhe queria imprimir exigia que a culpa fosse expiada.

Fugindo aos parâmetros estéticos do drama romântico, neste texto não há luta entre os elementos do triângulo amoroso pela conquista do ser amado. A situação desenlaça-se pelo bom senso de todos os envolvidos, que prescindem, se bem que em sofrimento, da relação. Madalena terá ainda alguns assomos de heroína romântica, fazendo alarde do seu sofrimento (1993: 149-150) e Manuel de Sousa, se bem que mais firme na justeza da decisão tomada, mostra-se sobretudo preocupado com Maria (1993: 131). Esta, porque produto de um amor que, pelos padrões morais da época, nunca deveria ter existido, acabará por morrer, propiciando, ao drama, um final algo melodramático.

Partindo deste nível limiar de descodificação/compreensão do universo ficcional que este drama histórico encerra e tendo como ponto de referência o que podemos considerar um documento histórico, o aluno leitor (que se encontra ainda um primeiro contacto com o texto) estará mais apto, penso, a fazer o tal percurso hermenêutico

previsto no Programa e a aceder a interpretações mais complexas, pois fica na posse de elementos que lhe permitem analisar o grau de ficcionalidade relativamente ao facto histórico e quais as intenções subjacentes a esse universo construído.

Naturalmente que não é indiferente, para a compreensão de um texto, o facto de a sua construção se apoiar num acontecimento histórico. A diferenciação entre a criação de uma obra literária puramente ficcional e a ficcionalidade de um drama histórico reside precisamente no equilíbrio que se estabelece entre a mimese e a diegese. Quanto mais o autor se detiver no detalhe histórico, mais se afastará do estatuto universal que Aristóteles reclama para a poesia; quanto mais universalmente se orientar dentro das coordenadas históricas, mais abrangente se tornará, gozando provavelmente a obra de uma maior longevidade.

No caso do *Frei Luís de Sousa*, este carácter universal é também proporcionado pelo facto de o motivo amoroso ser simultaneamente histórico, conjugando as pretensões máximas do drama histórico de feição romântica. A tensão dramática principal, gerada pela formação de um triângulo amoroso, não é da ordem do ficcional mas, tal como o conflito político, advém do elemento histórico, imprimindo uma autenticidade ao drama e conseguindo um grau de verosimilhança que o teatro romântico tanto desejava. Tudo isto tem que ser entendido para se chegar a outros entendimentos, mais complexos, mas que requerem este nível primeiro de abordagem.

Formar leitores e educar pela leitura exigem que se propicie a compreensão do que se lê – hoje designada por “compreensão leitora” (aqui em sentido mais lato e abrangente) -- , por forma a que os alunos, mais do que reproduzirem as leituras de outros, construam significações suas, chegando assim a uma efectiva fruição do texto literário.

Referências bibliográficas:

- CONCEIÇÃO, Maria do Rosário Luís da (2002) *O Cânone Literário Escolar no Nono Nível de Ensino (1947-1986)*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação – FCSH da UNL. Lisboa: Documento policopiado.
- GARRETT, Almeida (1993) *Frei Luís de Sousa*. Edição facsimil. da edição da Quinta do Pinheiro de 1844. Apresentação de Maria Leonor Machado de Sousa. Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- KAYSER, Wolfgang (1985) *Análise e Interpretação da Obra Literária*. 7ª ed. Coimbra, Arménio Amado Editores.
- MARTINS, J. Cândido de OLIVEIRA (2003) “Para uma sistematização didáctica das leituras interpretativas do Frei Luís de Sousa de Almeida Garrett”. Em *Almeida Garrett. Um Romântico, um Moderno*. Vol II. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda: 89-135.
- MELLO, Cristina (1998) *O Ensino da Literatura e a Problemática dos Géneros Literários*. Coimbra: Almedina.
- SOUSA, Frei Luís de (1977) *História de São Domingos*. Porto, Lello Editores.
- SPANG, Kurt (1998) “Apuntes para la definición y el comentario del drama histórico”. Em Kurt Sapang (ed.) *Drama Historico – Teoría y Comentarios*. Pamplona, Ediciones Universidade de Navarra: 11-50.
- TEODORO, Ana e LUÍS, Leontina (2006) “O saber ocupa lugar: *Frei Luís de Sousa* no ensino de português”. *Revista Discursos* (“Almeida Garrett – 150 anos depois”). Lisboa, Universidade Aberta, Nº. 1 –VI Série, Março 2006: 201-221.